RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Domingo, 22 de Novembro de 2026

Cannabis Medicinal em Mato Grosso: Especialista Esclarece Benefícios, Riscos e Desafios do Tratamento

Médica mato-grossense explora potencial terapêutico da cannabis e debate preconceitos que cercam a medicina endocanabinoide

Envolto em questionamentos e estigmas sociais, o uso terapêutico da cannabis emerge como alternativa promissora para o tratamento de diversas condições clínicas. Desde epilepsias refratárias até síndromes dolorosas crônicas, a planta Cannabis sativa desperta crescente interesse entre profissionais de saúde e pacientes em busca de novas abordagens. Para a especialista mato-grossense Rayanni Freire, o caminho consiste em expandir o conhecimento científico sem alimentar expectativas irrealistas sobre a substância.

Formada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e atuante na medicina endocanabinoide, Rayanni Freire atua como médica generalista e fundadora do consultório especializado Meu Cannabis. Em conversa com veículos locais, apresentou explicações detalhadas sobre como funcionam os tratamentos à base de canabinoides, particularmente o canabidiol (CBD) e o tetrahidrocanabinol (THC), os principais compostos ativos extraídos da planta.

"Muitas pessoas desconhecem que nosso corpo possui um sistema endocanabinoide responsável por funções vitais, incluindo modulação da sensação de dor, ciclos do sono, controle do apetite e regulação do estado emocional. Os canabinoides interagem de maneiras variadas com este sistema fisiológico. Trata-se de uma ferramenta terapêutica capaz de beneficiar determinados grupos de pacientes, desde que haja indicação apropriada e supervisão médica contínua", explica a profissional.

De acordo com Rayanni, o respaldo científico mostra-se mais robusto para certas formas graves de transtornos convulsivos, manifestações específicas de esclerose múltipla e quadros de náusea e êmese relacionados aos protocolos quimioterápicos. As aplicações envolvendo síndrome dolorosa crônica, fibromialgia, desordens de ansiedade, transtorno do espectro autista e insônia encontram-se em fase de investigação contínua, apresentando graus variáveis de comprovação científica conforme a patologia considerada.

"Em minha trajetória clínica, dirijo minha atenção principalmente a pacientes que experimentam dor persistente, distúrbios do ciclo sono-vigília e demais sintomas que reduzem significativamente sua qualidade existencial. Os tratamentos utilizam formulações em óleos, soluções oftálmicas, cápsulas e outras apresentações farmacêuticas estruturadas. A questão central envolve avaliar individualmente a posologia adequada, a composição química específica e a real necessidade do protocolo terapêutico", destaca a médica.

Distinção entre Contexto Medicinal e Recreativo

Um questionamento recorrente diz respeito à diferenciação entre o tratamento prescrito por profissionais e o consumo recreativo de derivados de cannabis. Rayanni faz esclarecimentos sobre como, apesar da origem comum, as formas de utilização apresentam características e objetivos fundamentalmente distintos.

"No âmbito do tratamento medicinal, utilizamos formulações que apresentam concentrações precisamente mensuráveis de substâncias como CBD, CBG, CBN, terpenos e THC, proporcionando rigoroso controle sobre as doses administradas. Isto contrasta significativamente com o ato de fumar maconha, situação na qual não existe padronização necessariamente garantida, somada aos perigos inerentes à exposição da fumaça pela via respiratória", esclareça.

A profissional acentua que existem metodologias de administração por vaporização em contextos terapêuticos específicos, distintas da combustão da matéria vegetal. Ela reafirma que qualquer intervenção terapêutica demanda avaliação profissional rigorosa e que os canabinoides, como todo medicamento, comportam potencial para reações adversas e limitações de uso.

Preconceito Como Obstáculo Principal

Para a especialista, o desconhecimento representa um dos maiores empecilhos à aceitação social da cannabis medicinal. Ela atribui este cenário a décadas de associação exclusiva da substância ao consumo ilícito de drogas, sem espaço para discussão sobre suas propriedades farmacológicas e potencialidades curativas.

"Historicamente, a cannabis foi apresentada à população exclusivamente sob a óptica de substância entorpecente, sem abertura para examinar suas propriedades fisiológicas e oportunidades terapêuticas legítimas. Essa situação culmina em muitos pacientes ainda nutrirem receios ou constrangimento ao abordar o tema em consultas médicas", comenta.

A médica relata que questionamentos sobre dependência e alterações do nível de consciência manifestam-se com frequência durante os atendimentos.

"Não considero a cannabis uma panaceia universal. Contudo, não podemos descartar seu potencial terapêutico meramente por causa do estigma social. A prática médica deve fundamentar-se em dados científicos rigorosos, não em preconceitos infundados", afirma.

Necessidade de Formação Profissional Ampliada

Rayanni advoga pela intensificação do ensino sobre cannabis medicinal nos currículos de formação dos profissionais de saúde, diante da elevação consistente na procura por tratamentos à base de canabinoides.

"Os profissionais médicos necessitam aprofundar seus conhecimentos sobre cannabis medicinal. Esta deveria ser uma disciplina incorporada ao currículo das universidades, pois pacientes já procuram ativamente por cannabis. É fundamental que o médico domine quando indicar e quando contraindicar a prescrição, quando descontinuar medicações concorrentes e quais são as possíveis interações do uso de cannabis com outras substâncias", destaca.

Rayanni menciona ainda que existem caminhos regulamentados para o acesso aos produtos canabinoides, incluindo importações licenciadas pelas autoridades competentes e associações constituídas de pacientes, conforme as legislações vigentes.

Acerca do consumo não medicinal, ela alerta sobre riscos potenciais como dependência psíquica, deterioração das funções mnemônicas e atencionais, além de possíveis impactos prejudiciais ao equilíbrio psicossocial. Para ela, estratégias educativas e de redução de danos mostram-se mais efetivas que condenações morais.

"Enquanto médica, minha atribuição não é estimular o consumo, nem tampouco julgar aqueles que fazem uso. Acredito sinceramente que informação fundamentada, educação contínua e estratégias de redução de danos são muito mais produtivas que estigmatização", conclui.

Ao finalizar, Rayanni enfatiza que a discussão sobre o tema deve priorizar a proteção e o bem-estar integral dos pacientes.

"A cannabis medicinal não carece ser promovida como milagre curativo, nem descartada por preconceito arraigado. Necessita ser investigada metodicamente, compreendida em profundidade e empregada com total responsabilidade. Porque, fundamentalmente, o que verdadeiramente importa é a saúde e a existência digna do paciente. A cannabis medicinal transcende o futuro, ela constitui nossa realidade presente", finaliza a profissional.